

## ENTREVISTA: Sávio Freire Bruno

*Sávio Freire Bruno é Doutor em Medicina Veterinária, Professor Associado da Universidade Federal Fluminense (UFF), com atuação nas áreas de Ecologia, Zoologia e Medicina de Animais Silvestres. Dedicou-se à fotografia como instrumento de educação / sensibilização socioambiental e ilustração de obras, sendo reconhecido em premiações nacionais e internacionais.*

---

### O que despertou o seu interesse pela fotografia?

Embora eu ainda não fotografasse, meu interesse pela fotografia se intensificou na adolescência, quando me fascinava com os livros de arte em seus diferentes estilos e as pinturas Impressionistas me tocavam à fundo. Quanto à fotografia, propriamente,

as reportagens da Revista Geográfica Universal, de livros sobre animais, como a Biblioteca da Natureza (LIFE), em especial, um volume sobre comportamento animal e o trabalho do polêmico Konrad Lorenz. Na década de 1970, eram livros e revistas que compunham parte da biblioteca de nossa casa.



Figura 1. Pica-pau-do-campo (*Colaptes campestris*) pousado na estátua de São Francisco na Serra da Canastra, MG. Fonte: Bruno, S. F.

Com meus 20 anos e nos primórdios da década de 1980, percebia a força que uma imagem trazia em si, uma força tal, com o poder de provocar ou mesmo mudar a forma de uma pessoa perceber o mundo, suas matizes, seus desajustes sociais, suas perdas e violências, tanto na sociedade, quanto no ambiente. Aquele instante, por vezes, crucial e despercebido, que o fotógrafo registra e traz de volta ao mundo, o reapresenta com toda sua força, arte, expressão e significado.

Naqueles tenebrosos tempos, o regime militar era vigente e dava continuidade ao processo de destruição de nossos recursos naturais. A concepção de dominação da natureza era pungente. Eu percebia o significado de uma imagem. Meu interesse pela fotografia existia bem antes de começar a fotografar cotidianamente.

Consegui comprar minha primeira câmera em janeiro de 1990. Nem sequer a escolhi, foi o que meus recursos foram

capazes. O amigo e saudoso colega e também fotógrafo, Dr. Wolf Bartmann, a trouxe do exterior uma Vivitar, para minha alegria.

Foi neste mesmo ano que minha paixão pela fotografia pode ser posta em prática. Wolf foi meu espelho, meu tutor. Aprendi a fotografar com ele. Mas não eram aulas, era a prática do dia a dia. Viajávamos para a Serra da Canastra e passávamos longas semanas juntos. Eu

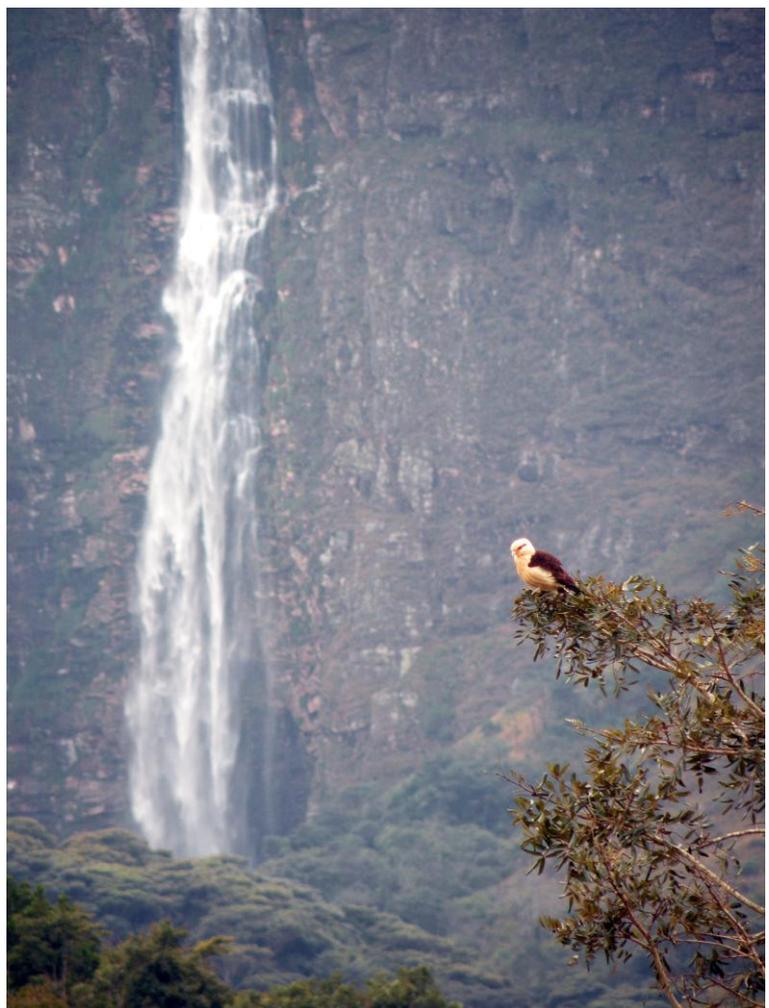


Figura 2. Vigilante da Cachoeira. Carrapateiro (*Milvago chimachima*) na Serra da Canastra. Fonte: Bruno, S. F.

observava seus cuidados, gestos, suas rápidas decisões frente ao objeto de interesse; estudava suas fotos, conversávamos muito, sempre. Ainda dedico muitos de meus trabalhos a ele, principalmente àqueles relacionados ao pato-mergulhão.

### **Como é o seu planejamento para os seus trabalhos de campo?**

Mentiria se dissesse que sou metódico, mas se esquecemos de um só detalhe, nossa expedição corre o risco de sofrer grandes perdas. Por isto, me esforço. Da mesma forma em que um dia eu fui um assistente de campo, há anos levo meus alunos comigo e sou cuidadoso com a equipe. Assim, quando viajamos juntos, dividimos as tarefas e, ao final, repassamos tudo,

revemos detalhe por detalhe até que tudo seja organizado no veículo. A princípio, fazemos um cronograma dos dias que estaremos em campo e há uma rotina: licenças oficiais para a viagem, tanto na Unidade de Conservação, quanto na Universidade; o veículo que utilizaremos. Atualmente, voltamos à viatura particular.

Por anos a fio, levo comigo uma

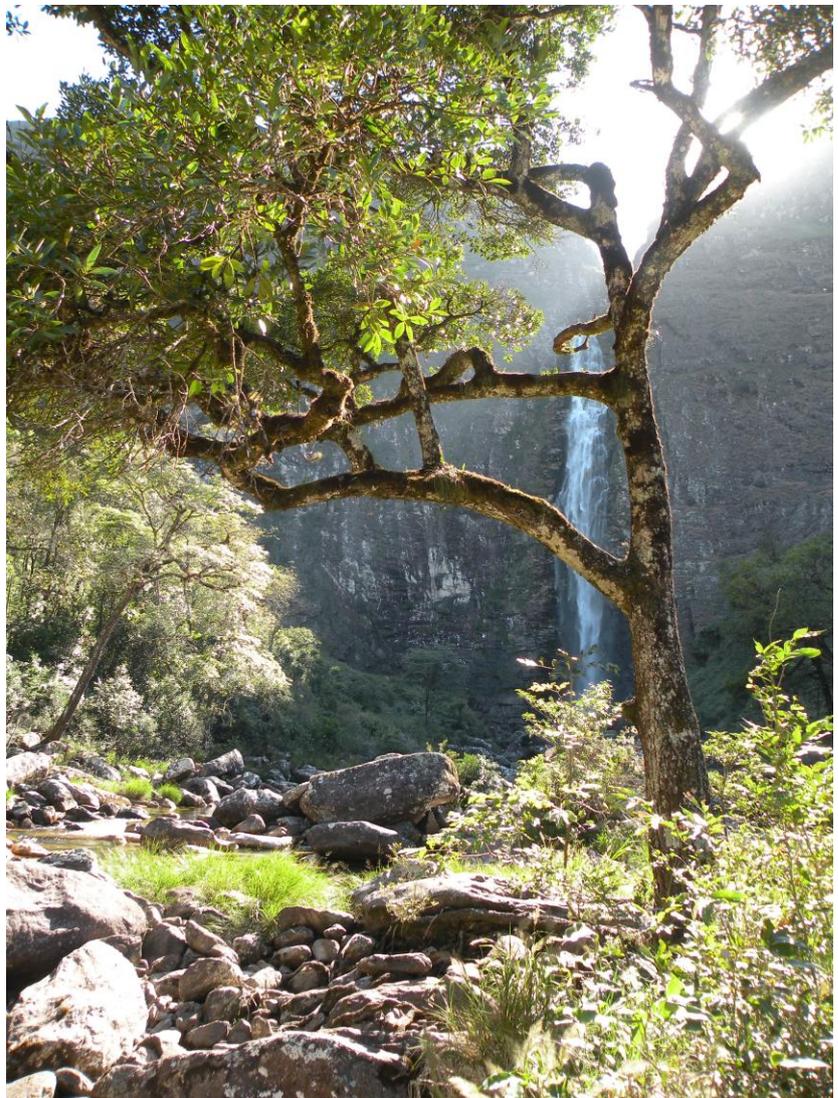


Figura 3. Cachoeira Casca D'Anta - Parque Nacional da Serra da Canastra. Fonte: Bruno, S. F.



Figura 4. Serra da Canastra - MG. Fonte: Bruno, S. F.

grande “case”, onde a maior parte do equipamento audiovisual é acomodada. Em suma, planejamos todos os detalhes com muito cuidado, antecipadamente, desde o material audiovisual, à paramentação de campo, incluindo materiais de biossegurança, sem nunca faltar perneiras e protetores solares; os cantis, os itens de alimentação e cozinha em geral, etc.

Normalmente, um ou dois alunos experientes me auxiliam na organização de todo o material e, nas viagens para a Serra da Canastra, onde desenvolvo meu mais

expressivo trabalho, sempre partimos bem antes de o dia clarear.

### **Como você vê a pós-produção? Tratamento x manipulação, sua opinião?**

Eu vejo a pós-produção como uma questão de bom senso e honestidade. Tratando de pontos mais específicos, a começar pelo recorte da fotografia, é muito frequente não conseguirmos em um clique estabelecer a perspectiva que consideramos ideal, ao menos, para a ou seja, com um

mesmo registro poderíamos realizar diferentes recortes na busca do produto final com objetivos distintos. No caso do recorte, podemos destacar um elemento específico, como um pássaro, ou harmonizá-lo de forma mais ampla, valorizando a paisagem ao seu redor. Então, inicialmente, o importante foi registrar o pássaro, nas melhores condições de luz e composição como um todo. E isto não é fácil, porque temos uma condição temporal muito restrita para a tomada de decisões, mesmo que tudo, ou quase tudo, tenha sido previsto e planejado.

Muitas vezes, trabalhando em ambientes abertos e com animais de vida livre, que é o nosso foco, uma fração de segundo decide se registramos ou não um dado animal, seja ele ave, réptil, mamífero; vertebrado ou invertebrado, nessa maravilhosa diversidade que ainda habita este planeta. Portanto, é totalmente sensato imaginar que devemos recortar a fotografia na pós-produção para obtermos o resultado imaginado. Sem contar que, por mais que o mercado ofereça lentes potentes, nem sempre são suficientes para alcançar nosso objeto de interesse com a



Figura 5. Sávio Bruno em trabalho de campo ao longo do rio São Francisco. Fonte: Arquivo pessoal de Bruno, S. F.

proximidade que desejamos. E nem sempre dispomos das lentes ideais, embora almejemos.

Com relação a ajustes de contraste, brilho e mesmo nitidez, a exemplos, considero que leves interferências buscando uma melhor qualidade do produto final são muito bem-vindas. E todas essas etapas são inerente a um tratamento, esperado que todo fotógrafo atente, antes de expor seu trabalho. As condições especialíssimas que permitem a obtenção de uma fotografia próxima da idealizada são mais associadas aos estúdios,

onde é possível um melhor controle das variáveis ambientais e temporais, considerando esta última, o momento do registro. E a possibilidade de repetir a cena inúmeras vezes, respeitando os desafios de cada condição, o trabalho de campo tem lá suas nuances e um evidente descontrole dessas variáveis, o que justifica ainda mais, um bom, mas não exagerado tratamento. Aqueles que tratam imensamente uma imagem são acolhidos por um determinado público, mas não expressam na sua arte, a beleza intrínseca da natureza, como se expõe aos nossos olhos nos



Figura 6. Sávio Bruno em ação nos campos floridos do Cerrado. Parque Nacional da Serra da Canastra. Fonte: Marins, D.C.

momentos mais delicados. É disto que estamos tratando e não, de maquiagem.

A fotografia de natureza, aquela que se propõe a levar ao público uma perspectiva próxima à realidade, se manipulada pode resultar em efeitos estéticos até atraente para alguns, mas quando se descobre o quanto o maquiador alterou as nuances naturais... Você pode (e deve) se sentir enganado.

Sem puritanismos radicais, manipular uma foto não deve ser uma prática cotidiana, mas uma decisão pontual, excepcional. Por exemplo: obteve-

se o registro de uma espécie de animal ou planta raríssima e esta imagem deve compor um guia de identificação de um dado grupo de espécies, mas, ao reparar o registro, percebe-se um elemento poluidor que para este objetivo, seria absolutamente indesejável, uma embalagem de um chiclete, expondo a marca do produto, por exemplo. Este é um exemplo no qual a manipulação é aceitável e, mesmo, aconselhável.

Em toda a história da fotografia uma imagem é submetida a uma edição, o que podemos considerar também, como uma



Figura 7. Serra da Canastra. Fonte: Bruno, S. F.

forma de tratamento na sua elaboração. Assim, o que mudou é que o tratamento dos filmes de máquinas analógicas era mais simples e rústico, não quero dizer com isto, menos artístico. A questão se torna delicada quando há excessos.

Por fim, se a proposta do fotógrafo é seguir por conceitos explicitamente claros dentre os estilos da arte e suas vertentes, neste caso, você, fotógrafo, está sendo absolutamente honesto na sua proposta e deve fazer uso de sua liberdade de criação.

### **Você começou com o processo analógico? Como foi a sua transição para o processo digital?**

Eu acho que demorei um pouquinho a mais do que gostaria, se pudesse rever o tempo e, claro, realinhar as possibilidades e prioridades de investimentos. Acredito que o processo apresente semelhanças com boa parte dos fotógrafos delonga estrada. A transição não perpassou somente pela decisão do que era ou não melhor, mas do que era possível adquirir de equipamentos que permitissem a transição. Lembro-me que foi somente em 2006, quando adquiri



Figura 8. Fogo no Cerrado. Gavião-de-rabo-branco (*Geranoaetus albicaudatus*). Fonte: Bruno, S. F.



Figura 9. Vida que renasce. Parque Nacional da Serra da Canastra, MG. Fonte: Bruno, S. F.

minha primeira câmera digital. Na transição, francamente só identifiquei vantagens. Mas, na prática, o que mais me inquietou foi perceber que tudo que eu havia fotografado até então, por toda minha vida, na real, mesmo, deveria ser refeito. Nenhum dos aparatos tecnológicos que adquirimos e utilizamos foi capaz de transferir a qualidade dos cromos para as novas mídias digitais. Guardo um enorme acervo de imagens, as quais adquirem somente um caráter histórico. Por este motivo, deveria ter migrado antes.

### **Do ponto de vista técnico, analógico ou digital?**

Uma boa foto é uma boa foto. Quando vemos uma foto em uma revista

ou site, a nossa reflexão se dá sobre a ação, os personagens, o momento em que a cena foi captada. Tanto faz se a captação foi por meio de equipamento analógico ou digital.

Não há dúvidas que o processo digital tem o avanço tecnológico ao seu lado, o que remete a melhoras constantes, de previsões quase inimagináveis. Por isto, tecnicamente, não vejo argumentos que possam contradizer tais avanços no processo digital. Mas levo comigo o respeito aos artistas que prezam pelas técnicas analógicas, optando por manter os métodos de confecção de suas obras, como aprenderam na sua formação passada e como vislumbram e garantem a continuidade da mesma, influenciando, inclusive, novos fotógrafos. Todos nós devemos aprender a lidar com a diversidade. Isso inclui a diversidade de opiniões, estilos e decisões.

### **Existe uma condição ideal para a sua fotografia?**

Não. A fotografia de natureza implica em registrar imagens nas diversas condições ambientais, de acordo com a região, as estações, as questões climáticas em geral, os períodos do dia e a luminosidade. Entretanto, nas primeiras horas da manhã e ao final da tarde, particularmente nos dias em que o sol se faz presente, temos condições de luz belíssimas. Composições em tempos nublados, com nuvens carregadas também surpreendem e produzem resultados maravilhosos.

### **Fotografia como ilustração ou como método científico?**

A fotografia tem infinitas razões para existir. Do ponto de vista científico, assume tanto o caráter ilustrativo quanto comprobatório. A questão é que, historicamente, somente uma parcela das especialidades adotou a fotografia como um de seus métodos científicos e outras, não.

A fotografia microscópica, tanto óptica, quanto eletrônica ou de varredura, tem proporcionado imagens que não são meramente ilustrativas, mas comprobatórias, a exemplos, da presença



Figura 10. Coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*) no Parque Nacional da Serra da Canastra - MG. Fonte: Bruno, S. F.



Figura 11. Coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*) no Parque Nacional da Serra da Canastra - MG. Fonte: Bruno, S. F.

de um patógeno, seja ele viral, bacteriano ou parasitário e suas alterações correlatas. Da presença ou não, de células portadoras de alterações, favorecendo diagnósticos. E na minha trajetória profissional, no viés de pesquisador da área médica, o estudo no período de doutoramento no Centro de Primatas Alemão (DPZ – Göttingen) em associação com a Escola Superior de Medicina Veterinária de Hannover (2000), com análogos do HIV humano, no caso, SIV, foram fortemente sustentados por fotografias, tanto eletrônicas como ópticas. Naquele tempo, motivado por descobertas no setor que atuava, fortaleci minhas

convicções de que polarizar Ciência e Arte é tornar medíocres nossas vidas e o mundo que nos cerca. É retirar a luz que ilumina nossas ações e todo o colorido do nosso cotidiano.

Na outra extremidade, a Astronomia também comprova, não só por cálculos, mas por meio de imagens, certas condições planetárias.

Por outro lado, há parte da Ciência que não tem considerado a fotografia como método científico. Zoólogos e Botânicos (taxonomistas, curadores) utilizaram-se ao longo da história e majoritariamente até os dias de hoje, a ilustração pelo desenho, mas

também pela fotografia, como um complemento às suas descobertas e argumentos. Sempre necessitaram coletar animais e plantas e eutanasiar animais. Sem esta metodologia, não se dignificaria ou validaria a pesquisa, o argumento. Mas novos caminhos têm sido apresentados e o mérito científico das imagens como método comprobatório, mesmo para a descrição de novas espécies, como dípteros, já foram publicados. Neste contexto, polarizar novamente parece ser insensato. O que aconteceu, não há como retroceder, mudar a história; mas podemos rever posições. Não há como negar que os excessivos abates de animais para coleções

zoológicas e ocorridos ao longo da história possam ter comprometido populações. Citemos o caso do pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*), ave em perigo crítico de extinção, espécie alvo de meus estudos e atual símbolo de conservação das águas brasileiras. Embora a espécie fosse tão rara que em 1929 chegou a ser considerada extinta (PHILLIPS, 1929 apud BARTMANN, 1988), durante 1947 e 1954, 24 espécimes foram abatidas por pesquisadores para compor o museu de Buenos Aires e listadas por Partridge (1956), um dos mais dedicados às coletas. Para um naturalista engajado em questões bioéticas e conservacionistas é inconcebível



Figura 12. Pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*). Foto que obteve segundo lugar no concurso “As aves mais raras do mundo” na categoria “Extinto na natureza ou sob grave ameaça”. Fonte: Bruno, S. F.

o abate de tantos indivíduos de uma espécie de tão baixa abundância e já àquele tempo, tão ameaçada. Ao que parece, a vida, à parte da humana, não implicava em percepções éticas quanto ao seu direito de existir. Tampouco a Ecologia de Populações, como ramo da Ecologia, recebia a ênfase dos dias atuais. Em contrapartida, o zoólogo Wolf Bartmann concebia seus estudos com o pato-mergulhão na Serra da Canastra, MG, em artigo publicado em 1988, sustentados unicamente em suas observações e fotografias. Em nada seus informes foram descredibilizados e sua contribuição,

inquestionável.

Parte do meu trabalho foi motivado pela obra de Wolf Bartmann, uma continuidade, na verdade. Os livros que escrevi, principalmente sobre o pato-mergulhão, não possuem uma única página de seus capítulos sem uma fotografia. A fotografia como parte incontestável do método científico.

### **Do seu ponto de vista, o processo digital democratizou ou banalizou o uso da fotografia?**

A Fotografia nunca será banalizada. O que pode ser banalizado é o

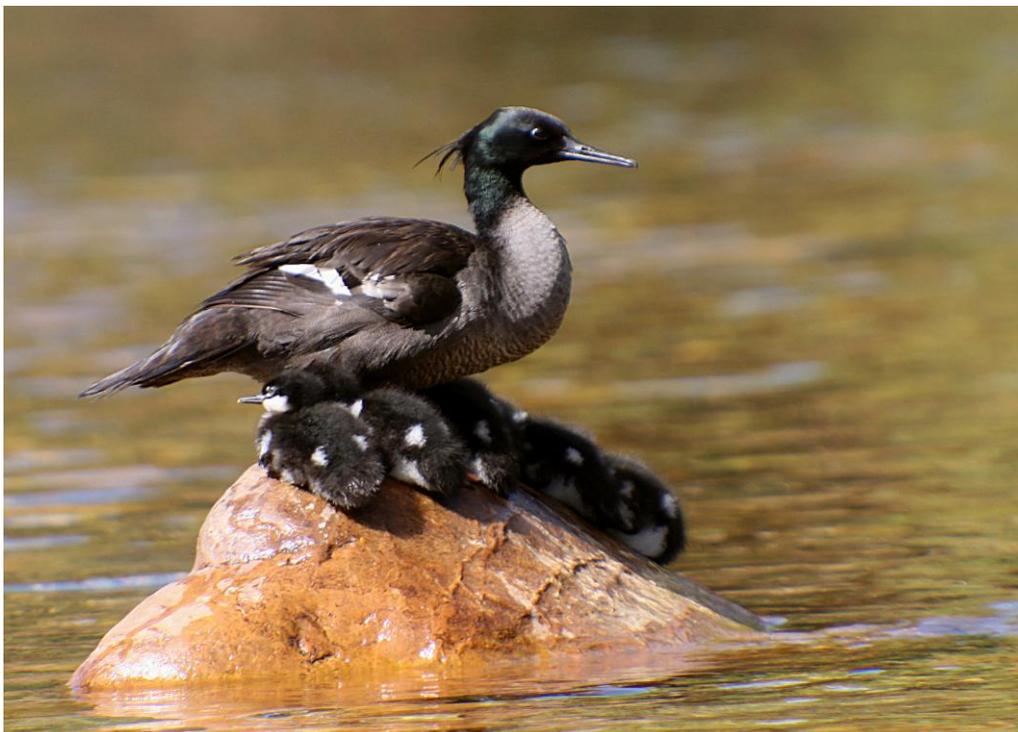


Figura 13. Mother's Love. Pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*). Foto que obteve primeiro lugar no concurso “As aves mais raras do mundo” na categoria “Extinto na natureza ou sob grave ameaça”. Fonte:

comportamento social, reflexo de modelos políticos e socioeconômicos instituídos. Fotografia é arte que expressa o âmago, a essência do fotógrafo. Se a tecnologia democratizou a fotografia por meio dos *smartphones*, se a indústria de equipamentos fotográficos alcançou expressiva parcela da população, as imagens registradas a cada minuto e em números inimagináveis refletirão inegavelmente os anseios, desejos, satisfações, formas e aspectos que a sociedade, o indivíduo, interage e percebe o mundo a sua volta. O que pode ser mais importante que uma *selfie* em uma sociedade que projeta a felicidade e a realização pessoal no consumismo sem

limites? Quanto mais “você” consumir mais feliz será; quanto mais invejável e midiática for a marca do seu bem material, maior seu *status* perante o outro e a todos. Os excessos de *selfie* traduzem somente uma sociedade em que o individualismo se faz presente em detrimento do coletivo, da percepção do espaço coletivo e do “outro”. Aqueles que caminham na mesma calçada, têm sentimentos semelhantes, angústias, necessidades, direitos e deveres e uma cultura relativamente comum, estão, porém, desconectados do olhar do seu semelhante, cada qual escravo de sua sobrevivência. A Fotografia é capaz de revelar a condição de alienação política e social, o baixo nível de educação (não falo



Figura 14. Uma gota de esperança. Pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*). Fonte: Bruno, S. F.

de escolaridade, propriamente) e alguma busca de satisfação no cotidiano das pessoas, mesmo que seja naquele sorriso fugaz.

Portanto, a fotografia não se banaliza. Reflete, sim, a forma como cada um de nós percebe o mundo. Não necessariamente o processo digital, mas a democratização das mídias democratizou também a fotografia. E nenhum fotógrafo deve entender isto como negativo, ao contrário. Porque a essência de cada um de nós permanece única e o espaço para trabalhos com densidade e arte não deixarão de existir, enquanto perdurar espaços para a difusão cultural.

## O que você diria para um “novo” fotógrafo?

Tive algumas influências que me ajudaram. Por exemplo, quando praticamos o Aikido, arte marcial japonesa, descobre-se em dado momento que o verdadeiro conhecimento é aquele que parte de dentro de você. Então, o seu caminho (Do) é só seu e você deverá escolhê-lo de acordo com o seu coração. Nada mais. O que fugir disto, um dia a vida irá lhe lembrar e colocá-lo de volta nos trilhos ou ao menos, acenar para as escolhas que insistem dentro do seu eu.

Fotografe o que lhe der vontade, mas,



Figura 15. Turbilhão. Pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*). Fonte: Bruno, S. F.

aos poucos, tente perceber o viés da fotografia no qual melhor se identifica e que mais prazer lhe oferece. Conheça seu equipamento. De nada adianta o fotógrafo utilizar um equipamento de ponta se ele não domina seus recursos. Estude os princípios da fotografia.

Pergunte-se, sinceramente, o que você deseja deixar como legado? Se for focar a beleza nos seus mais abrangentes aspectos, perfeito. Se for demonstrar o quanto de riqueza há na diversidade biológica do planeta e, portanto, o quanto devemos refletir sobre sua importância, perfeito, também. E se for investir em destacar as injustiças sociais, aos limites da

sobrevivência humana e na poesia e na esperança dos olhares esquecidos, igualmente perfeito. Porque não faz sentido viver sem ao menos um sonho. Porque pequenos detalhes fazem a diferença. Porque uma foto pode mudar o mundo. Se não for, que sensibilize o primeiro, o segundo. Que ao menos, seja um degrau no seu próprio desenvolvimento.

Leia, leia muito. Não somente sobre fotografia, mas sobre poesia, romance, natureza e arte. Se interesse nas pessoas, o que dizem e o que pensam; também o que sentem. Conheça os povos, o quanto puder, sua cultura, seus traços, sua



Figura 16. Um rio de luzes. Pato-mergulhão. Fonte: Bruno, SF.

identidade e perceba as relações entre sociedade e natureza. Olhe com atenção os ambientes, urbanos ou rurais. Conheça a floresta, a restinga, os campos, o cerrado. Não deixe de ouvir música, porque o mundo é envolto por sons e imagens. Tente acurar seu olhar para o mundo. O resultado estará expresso na sua fotografia.

Não dê atenção aos competidores. Participe de concursos, mas sem almejar muito além de difundir sua obra. Nunca esqueça: não há verdadeira vitória quando há um só vencedor. A verdadeira vitória é coletiva, solidária. É aquela em que não há perdedores, onde a sociedade cresce no

bem comum. Evite colecionar “figurinhas” e exibir números. Repito, não acredite em competições saudáveis. Dê preferência à qualidade de suas imagens e ao sentido da sua obra. Faça da sua fotografia uma arte e expresse sua arte de viver na fotografia. Se tiver dúvidas quanto a este aconselhamento, procure encontrar grandes artistas que investiram seu tempo em comparar seu trabalho com o de seus colegas, sejam músicos, pintores, escritores, poetas. Se encontrar, não será uma referência de espiritualidade e obra. Acredite em você.



Figura 17. Veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) no Parque Nacional da Serra da Canastra, MG.  
Fonte: Bruno, S. F.

### **Que tipo de fotografia mais lhe agrada e por quê?**

Não há dúvidas que me emociono com a temática ambiental. As nuances da paisagem em suas distintas matizes. A expressão da vida, como um entrelaçado de vidas, em um fluxo dinâmico de matéria e energia. Nesse fluxo, expresso na paisagem é possível e provável a presença de traços humanos ou seus vestígios. Este tipo de fotografia me agrada provavelmente pelos traços naturalistas que trago em minha essência. Não é exatamente a fotografia que pratico com mais frequência ou ao menos,

a que me trouxe à luz deste mundo artístico, embora eu aprecie e tenha algum acervo. Interesso-me por diferentes formas, estilos e tendências, incluindo o minimalismo urbano, a exemplo de Wim Wenders, a fotografia de reportagem de forte conteúdo e o naturalismo de Sebastião Salgado, assim como o legado de Cartier Bresson. Meu olhar sempre pousa sobre uma imagem, a exemplo de uma foto jornalística, e procuro sempre interagir com os olhos, o recorte e a emoção do autor.

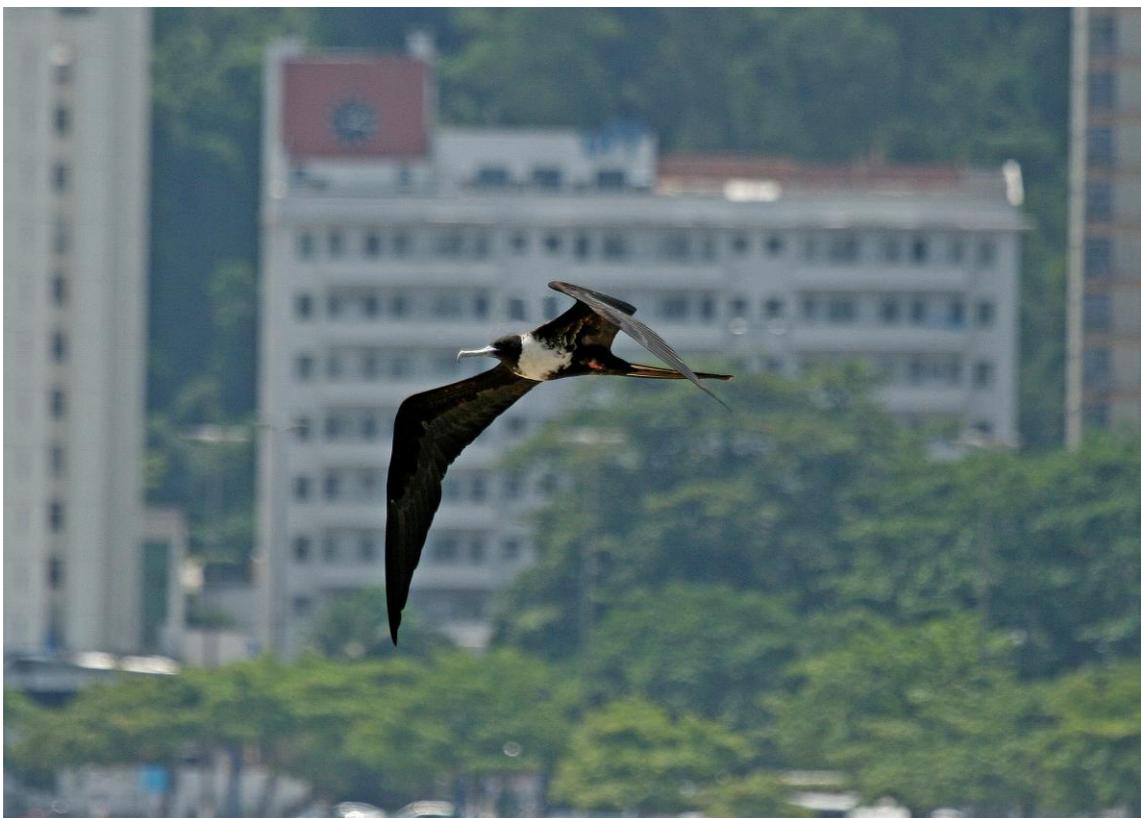


Figura 18. Liberdade Autonomia. Primeiro lugar no Concurso de fotografia *Retrato aos 50 -UFF*. Fonte: Bruno, S. F.

### **Qual é o maior desafio da fotografia?**

É conhecer a ti mesmo, como lembrou Sócrates. Ao se conhecer torna-se relativamente sólida, mais clara, a sua relação com o mundo, como você o vê e o que você deseja fazer de si mesmo e de sua arte. É definir o objeto, a temática e, principalmente, a pura essência do que queremos, de fato, trazer à contemplação, provocar emoções e atitudes. Quando isto está definido, as questões de luz e outras variáveis, além da própria técnica utilizada,

embora importantes, são uma questão de escolha, de estilo e de dedicação aos estudos.

### **Quais são os seus projetos/ propostas envolvendo fotografia?**

Eu comecei a utilizar minhas fotografias para ilustrar as aulas de Ecologia e depois, em outras disciplinas envolvendo mais especificamente nossa fauna. Esse projeto de construir o próprio material didático iniciou-se com a



Figura 19. Solidariedade aos 50. Menção honrosa no Concurso de fotografia *Retrato aos 50* -UFF. Fonte: Bruno, S. F.

docência, em 1991, e continuará por toda minha carreira.

A possibilidade de gerar o próprio material didático e partilhar as próprias vivências alinhadas ao conteúdo programático das disciplinas é uma das formas que percebo a contribuição que o professor no processo de Ensino e Aprendizagem. Atuo assim, bem antes da difusão dos meios informacionais, bem antes de toda esta revolução tecnológica. E ao longo da carreira, me pergunto continuamente, qual é o papel do professor, do educador? Em parte, o conhecimento se tornou disponível na

palma da mão a partir de alguns cliques no *smarthphone*, incluindo uma imensa quantidade de livros. Orientar, direcionar os estudos, motivar nossos discentes, provocar e incentivar o saber e o conhecimento, partilhar com eles o estado da arte de um tema e, sobretudo, sua experiência. Despertar sua vocação, estimular seu senso crítico e sua percepção do mundo, clarear seus sonhos. A fotografia nos ajuda em muito nessa partilha; na sensibilização frente aos desafios que nosso mundo enfrenta. Como profissional do ensino, este é um grande projeto e proposta envolvendo a fotografia.



Figura 20. Preguiça-de-coleira (*Bradypus torquatus*). Fonte: Bruno, S. F.

Quando retornei do período de doutorado na Alemanha, no ano de 2000, percebi que, do ponto de vista clínico, médico-veterinário, tínhamos avançado na literatura, possuindo obras próprias e priorizei, portanto, lacunas na literatura científica que careciam de ênfase na academia, assim como na discussão e debate nas escolas, no poder público e na sociedade como um todo. À parte dos artigos científicos e outras formas de publicação e difusão do conhecimento, foi quando surgiram as propostas de projetos de livros de cunho socioambiental.

Publiquei meu primeiro livro na Alemanha (2000), amplamente ilustrado, principalmente pela fotografia através da microscopia eletrônica em pesquisa intitulada “Estudo da ocorrência de estruturas tubuloreticulares na mucosa intestinal retal de macacos rhesus (*Macaca mulatta*) infectados por SIV”, envolvendo primatas não-humanos e estruturas tubuloreticulares intracelulares.

No Brasil, o primeiro livro produzido e ricamente ilustrado com minhas obras foi o Plano de Ação para a Conservação do Pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*),



Figura 21. Trinta-réis-real. Fonte: Bruno, S. F.

editado pelo IBAMA, em 2006, publicado em edições de língua inglesa e brasileira, além de escrito a quatro mãos, ou seja, com a participação diversos autores, no qual me incluo, com modesta, porém expressiva participação. Em 2008, em uma proposta junto à editora Ediouro, surge o livro 100 Animais Ameaçados de Extinção no Brasil e o que você pode fazer para evitar. Antes de ser publicada a obra sofreu uma redução para 144 páginas, sintetizando animais antes não planejados para ocuparem as mesmas páginas, o que, no entanto, não lhe tirou o brilho, alcançando uma grande variedade de público e esgotando uma tiragem, à época, de 10.000 exemplares.

Participando anualmente de editais, seja da FAPERJ ou da UFF, seguiu-se uma

fase de publicações pela Editora da UFF, a iniciar-se pelo livro Exóticos invasores: bioinvasores selvagens introduzidos no estado do Rio de Janeiro e suas implicações (2012), em parceria com a ex-aluna Vanessa Trally Bard. As fotografias estavam sempre presentes, ressaltando nossa proposta. Contrariando as tiragens das editoras universitárias, o livro logo se esgotou e lançamos a segunda edição, em 2016.

Entretanto, seguindo a cronologia das publicações editoriais, lanço em 2013 a obra que considero até o momento, e sem nenhuma dúvida, a mais importante da minha carreira e relacionada ao projeto de pesquisa com uma espécie criticamente ameaçada de extinção, a qual abracei em



Figura 22. Crepúsculo em Itaipuaçu. Fonte: Bruno, S. F.

minha trajetória. O livro “Pato-mergulhão: biologia e conservação do pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*) no Parque Nacional da Serra da Canastra e entorno (MG)”, publicado pela Editora da UFF, resume em suas 255 páginas anos de persistente trabalho de campo, em um projeto que utiliza a fotografia científica como principal opção metodológica e comprobatória, contextualizada, claro, com outros métodos de pesquisa e coleta de dados comportamentais. Abordando o pato-mergulhão, artigos científicos, como exemplo, Bruno et al. (2009), livros, à exemplos, o livro infantil Pato-mergulhão,

em duas edições (2013; 2016), 27p., também pelos editais da EDUFF, em parceria com a ex-aluna, Ana Luiza Mello, ricamente ilustrado com desenhos e fotografias.

São diversos livros nos quais contribuí com fotografias, incluindo os guias, a exemplos, Guia de los Patos Del Paraguay (GUYRA PARAGUAY, 2007) e os livros Rare Birds Year Book (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2009), Los que se van – Fauna Argentina Amenazada (CHEBEZ, 2008), Species on the edge of survival (IUCN, 2012), The Word’s Rarest Birds (HIRSCHFELD, SWASH E STILL, 2013),



Figura 23. Brigadista no Parque Nacional da Serra da Canastra, MG. Fonte: Bruno, S. F.

entre outros, incluindo livros acadêmicos, *sites* e um número não precisamente contabilizado de contribuições.

Em 2014, entretanto, inicio minha participação como autor em guias de campo. O livro 100 Aves do Parque Nacional da Serra da Canastra, MG (FIEKER, REIS e BRUNO), editado pelo ICMBio e amplamente distribuído em São Roque de Minas e região.

Em 2015, lançamos meu primeiro livro de crônicas, de cunho ambiental. A obra tem diversas participações de nossos alunos, sendo uma coletânea de participações em uma coluna jornalística, a

qual escrevo mensalmente. O livro, intitulado Animais na Terra e anjos no Céu (FAPERJ/Editora Projeto Cultural, Rio de Janeiro), traz em suas 215 páginas é amplamente ilustrado com nossas fotografias.

Na sequência, em 2016 chega às livrarias a obra intitulada Aves e aeronaves: riscos e desafios para a ciência e sociedade quanto ao perigo aviário, com a co-autoria da ex-aluna Júlia R. Barreto e publicado pela Editora da UFF, com 122p. Neste mesmo ano, lançamos Se não fosse o pé do boi: uma breve história da floresta, do machado, da pecuária e da desertificação



Figura 24. Garça-moura (*Ardea cocoi*). Guaratiba. Fonte: Bruno, SF.

no Brasil, o qual divido a autoria com o colega e amigo, prof. Flávio Fernando Batista Moutinho. Mais uma vez, a Editora da UFF nos honra, produzindo este trabalho, com 100 páginas, por meio de seleção por editais.

Sem estender-me, são ao todo 16 livros publicados, dois deles com novas edições, complementando 18 ISBNs de livros como autor ou co-autor e todos, utilizando a fotografia intensamente, seja de forma ilustrativa ou científica. O mais recente, O abraço do mურიqui, foi publicado pela Editora da UFF neste ano, 2018, com 116p. Nesta obra, assumo o papel de organizador e co-autor. É ilustrada com diversas fotografias e traz novos e talentosos autores, todos ex-alunos de mestrado.

No prelo, somam-se ainda o livro Liberdade não rima com grade – O tráfico de animais silvestres no Rio de Janeiro e suas implicações (seleção FAPERJ, Auxílio à Editoração /2016, em co-autoria com o ex-aluno e colega, prof. Carlos Alexandre Rey Matias) e o livro Fogo na Canastra - reflexões sobre o fogo no Cerrado, o qual organizo com prestigiados colegas, à espera

da impressão pela Gráfica do ICMBio, Brasília.

Em minha trajetória, enumeram-se 47 artigos completos em periódicos até 2017; além de 60 resumos e 17 trabalhos completos e mais quatro artigos em Anais de Congressos, todos associados às suas respectivas apresentações ao trabalho fotográfico. Além desses números, somam-se inúmeros textos em jornais e revistas, todos ilustrados, contabilizando ao menos 40 participações.

Quanto aos projetos em andamento, incluo um novo livro sobre o pato-mergulhão, um livro sobre as aves do Núcleo experimental de Iguaba Grande, RJ (NEIG – Faculdade de Veterinária / UFF), um livro infantil sobre o Formigueiro-do-litoral (*Formicivora littoralis*) em parceria com a amiga Ana Luiza Mello e um guia completo sobre as aves do Parque Nacional da Serra da Canastra, MG. Há outros títulos a espera. Por exemplo, adoro os livros de mesa, aqueles que só conseguimos com bom financiamento e destacam-se as imagens. Sonho em elaborar um livro neste conceito e tenho arquivos suficientes para fazê-lo, especialmente sobre a Serra da

Canastra, MG. Porém, nem sempre o que fazemos é uma questão de ser mais ou menos prazeroso, mas, sim, do que é mais importante naquele momento, naquele espaço temporal em que nossa sociedade se defronta, das articulações com colaboradores e, claro, nas oportunidades de publicação que surgem, por meio de editais, por exemplo. Assim, um sonhado livro de mesa sobre biodiversidade do Cerrado e suas paisagens ainda aguarda sua hora. Nós, professores, lidamos com a arte de estender o tempo.

Por último e não menos importante,

minhas propostas e projetos sempre incluem a formação de novos fotógrafos. Neste sentido, tenho colecionado algumas alegrias, inclusive com fotos já destacadas em concursos nacionais, produzidas por uma de nossas acadêmicas, na Serra da Canastra, MG.

### **Fotografia científica ambiental e as redes sociais?**

Eu acho que as redes sociais não são, propriamente, o local de se discutir ciência.

Para isto, existem fóruns específicos, a



Figura 25. Arco-Íris. Parque Nacional da Serra da Canastra, MG. Fonte: Bruno, S. F.

exemplos dos seminários, simpósios e congressos. Em contrapartida, tais redes são eficientes para a divulgação do conhecimento científico, principalmente associado a imagens.

### **Algum lugar em especial ou situação a destacar na sua trajetória fotográfica?**

Nem preciso dizer, não é mesmo? Sem dúvida, o Parque Nacional da Serra da Canastra, MG.

### **Já participou de exposições e/ou premiações?**

Sempre que possível, procuro participar de eventos que considero engajados nas propostas socioambientais ou conservacionistas, incluindo exposições e alguns concursos de fotografia. Na Serra da Canastra, montamos uma exposição para o Centro de Visitantes da Portaria IV em outubro de 2004 que perdurou por anos e obteve milhares de assinaturas, contribuindo para a sensibilização dos visitantes e valorização do seu passeio.

Também expus no Parque Municipal de Rio das Ostras, RJ e participei de outras exposições como “Peixe Vivo”, na UFF; por último, tenho participado todos os anos da Exposição Um olhar sob o Meio Ambiente, também promovida na UFF.

Fui congratulado com alguns trabalhos, os quais destaco o primeiro lugar e duas menções honrosas no evento comemorativo dos 50 anos da Universidade Federal Fluminense em 2010, que culminou em uma exposição e contribuição ao livro intitulado Retrato aos 50. As fotos contempladas, acompanhadas de um texto, foram “Liberdade e Autonomia” (primeiro lugar e capa do livro), “De braços abertos para a vida” e “Solidariedade aos 50”.

Internacionalmente, fiquei muito contente com o 2º lugar no concurso "As aves mais raras do mundo" na categoria "Extinto na natureza ou sob grave ameaça". O concurso foi promovido pelo “Word’s Rarest Birds Project” em 2011 e a foto premiada contemplava o pato-mergulhão.

O primeiro lugar veio no último Concurso Mundial (HBW, 2014), no prêmio de melhor fotografia de ave



Figura 26. Olhar para o mundo. Foto da mãe e filhote de tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*). Menção honrosa no Primeiro “Photo Nature Brasil” 2017. Fonte: Bruno, S. F.

ameaçada de extinção, novamente com o pato-mergulhão (*Mother’s Love – Mergus octosetaceus*).

De volta ao Brasil, recebi uma menção honrosa no 1º Photo Nature Brasil (2017) com a foto “Olhar para o mundo”, destacando o tamanduá-bandeira, uma fêmea e seu filhote.

**Além da fotografia, sua contribuição no audiovisual inclui outras formas de captação de imagens?**

A fotografia acompanhou meus passos ao longo de toda minha trajetória profissional. Entretanto, também zelei pelas filmagens em trabalhos de campo e acumulei um acervo de imagens em diferentes formatos, pois as câmeras de *Full HD* só foram acessíveis mais recentemente. Em 2009, fizemos o primeiro documentário da referida espécie, denominado “Pato-mergulhão - Biologia e Conservação do Pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus* Vieillot, 1817) no Parque Nacional da Serra da Canastra, MG e Entorno, Minas Gerais, Brasil.

Em 2016, conseguimos estruturar, ainda que modestamente, o Fauna Brasil - UFF / Laboratório de Registro Audiovisual da Fauna Brasileira, um Projeto vinculado Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense e estabelecido na Faculdade de Veterinária - UFF. As propostas incluem a série “Quem sou eu?”, que difunde a diversidade biológica brasileira em desafiantes 60 segundos para cada espécie abordada. Na primeira pessoa, animais de vida livre são apresentados pelos nossos alunos, todos com intensa participação. Enfatiza a importância da liberdade dos animais e o conhecimento da fauna brasileira em sua maior expressão. Valoriza também as nossas Unidades de Conservação, contextualizando principalmente o Parque Nacional da Serra da Canastra, MG, entre outras Unidades - contribuindo para fortalecer a importância de áreas protegidas e o real desenvolvimento sustentável. Também merece destaque a série “Ameaçados”, que aborda aspectos da biologia e conservação da fauna oficialmente ameaçada de extinção em nosso país.

### **Uma dica valiosa?**

Cuide-se, muito. Cuide da sua mente e do seu corpo. Da sua mente, não se deixando enveredar pela vaidade. Cuide do outro. Exercite a paciência, planeje e saiba esperar o momento oportuno. Respeite as culturas por onde passar. Do seu corpo, não acredite em super-heróis, se proteja, nosso corpo é frágil. Regra geral, os acidentes acontecem por imperícia, imprudência ou negligência. Cubra sempre seu corpo, use perneiras regularmente, zele pelos cuidados de biossegurança. É importantíssimo zelar pelo equipamento, mas, os dedos são mais valiosos do que os anéis.

### **Agradecimentos**

Expresso meus sinceros agradecimentos ao amigo e colega, professor Antonio Carlos de Freitas e manifesto minha enorme alegria em receber tal honra pela comissão editorial desta importante revista.

Agradeço a todos os alunos, técnicos e colaboradores do Fauna Brasil - UFF, em

especial aos amigos Wilson Paraná e Eduardo Sánchez por acreditarem em nossas propostas e, sobretudo, pelo excelente trabalho coletivo.

Agradecimentos a toda equipe do Parque Nacional da Serra da Canastra, MG.



Figura 27. Solidão. Fonte: Bruno, S. F.